

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS
COMANDO DA ACADEMIA DE POLICIA MILITAR
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS

**UMA ANÁLISE DO TRABALHO POLICIAL DA TROPA DE
CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS**

HALISSON OLIVEIRA DO PRADO – CADETE PM

GOIÂNIA
2015

HALISSON OLIVEIRA DO PRADO

**UMA ANÁLISE DO TRABALHO POLICIAL DA TROPA DE
CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Comando da Academia de Polícia Militar do Estado de Goiás (CAPM), como requisito parcial à conclusão do Curso de Formação de Oficiais (CFO), sob a orientação do docente Capitão Leon Denis da Costa.

GOIÂNIA
2015

ANÁLISE DO TRABALHO POLICIAL DA TROPA DE CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS¹

Halisson Oliveira do Prado²

RESUMO

O artigo examinou o trabalho policial desenvolvido pela da tropa de Choque da Polícia Militar de Goiás, por meio de uma investigação de suas atribuições previstas em legislações e regulamentos, bem como as atividades desempenhadas no cotidiano. Foi aplicado um questionário aos policiais do Batalhão de Choque a fim de identificar em suas impressões quais são as ações dominantes em sua prática: patrulhamento ou ações de controle de distúrbios civis e outras afetas à própria tropa de Choque. Averiguou-se por meio da pesquisa e do questionário aplicado que muito embora os policiais militares pertencentes a esse Batalhão executem diariamente o serviço de patrulhamento, os treinamentos e o próprio interesse profissional deles é em relação às atividades de Choque. Notou-se também que há ainda nos dias atuais resquícios de um vínculo passado entre ROTAM e CHOQUE, mas que ao se buscar o Batalhão de CHOQUE os policiais militares o fazem pela atividade fim deste Batalhão. Concluiu-se que mesmo a prática demonstrando diferente, as atenções de quem está lotado no Batalhão de Choque são voltadas para as ações inerentes ao CHOQUE, ainda que se faça patrulhamento diariamente, o batalhão vive e se renova com aqueles que querem atuar neste tipo de serviço.

PALAVRAS CHAVES: Trabalho policial. Tropa de Choque. Controle de distúrbios civis.

ABSTRACT

The article examined the police work by the shock troops of the Military Police of Goiás, through an investigation of their duties provided for by laws and regulations as well as the activities performed in daily life. A questionnaire to police the Shock

¹ Artigo apresentado ao Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás como requisito parcial para conclusão do Curso de Formação de Oficiais. Orientado por: Leon Denis da Costa, Capitão QOPM. Coorientado por: Bruno Pereira Megda, Tenente QOPM

² Gestor em Segurança Pública pela Universidade Estadual de Goiás, Graduado em curso de Direito pela Universidade Salgado de Oliveira, Aluno do Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado de Goiás.

Battalion in order to identify their impressions which are the dominant shares was applied in your practice: patrolling or civil disturbance control actions and other afetas to own troop of shock. It was found through research and applied questionnaire that although the military police belonging to this Battalion daily running patrol service, training and the own professional interests them is in relation to the shock of activities. It is also noted that there are still remnants in modern days of a link between past and ROTAM SHOCK, but when seeking the Shock Battalion of the military police do by the end of this activity Battalion. It was concluded that even the practice demonstrating different, the attention of those who are crowded in the Shock Battalion are focused on the actions inherent SHOCK, although they make daily patrols, the battalion lives and renews itself with those who want to act in this type of service.

KEYWORDS : Police work. Shock troops . Control civil unrest.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de atuação de uma tropa especializada em ocorrências de natureza específica é de crucial importância para o bom andamento da mesma e de um resultado eficaz, fazendo assim com que as Polícias Militares busquem em sua divisão de trabalho a formação de Grupos especializados em suas Corporações.

O objetivo do estudo foi identificar qual é a verdadeira atuação ou a que mais predomina no Batalhão de Choque, qual é o interesse de atuação dos policiais militares que buscaram estar lotados neste Batalhão e hoje trabalham lá.

Não se pretendeu esgotar as discussões sobre o assunto, mas sim, contribuir para a caracterização dos tipos de eventos que têm sido atendidos pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado de Goiás e a correlação com a finalidade da sua atuação para qual foi criada essa tropa especializada.

A Polícia Militar tem como missão manter a ordem pública e o policial do Batalhão de Choque, em suas atividades cotidianas, se depara com os mais diversos tipos de situações e em função disso necessita de atuar em vários tipos de ocorrências que muitas vezes não correspondem com a natureza específica de ação/atuação. Isso justificaria o desenvolvimento de estudos sobre quais tipos de ocorrências pediriam a atuação desses profissionais.

Para Castro (2011), dentre as várias reestruturações das polícias nascem num contexto um tanto recente os grupos especializados. Trata-se de

grupos que surgem no cenário internacional e nacional e têm proposta a atuação em casos limites ou sensíveis, que demandem um alto grau de especialização.

O presente artigo apresenta uma pesquisa de campo com aplicação de questionário sobre atuação do policial militar do Batalhão de Choque, procedimentos metodológicos acerca da obtenção dos dados, resultados e análise dos dados e considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 TRABALHO POLICIAL

O trabalho policial, sob a perspectiva do que a polícia executa, trata-se de uma vasta multiplicidade de tarefas, tarefas estas que nem sempre estão intimamente ligadas aos pilares da aplicação da lei e da manutenção da ordem, que são ações que estão relacionadas a crimes.

O trabalho policial abarca tanto ações de iniciativa dos policiais ou proativas, ações preventivas, que podem ser entendidas simplesmente como resultado de aplicação da lei, e também como ações reativas, aquelas que são provocadas, que advém de uma demanda da população, que normalmente ocorre por meio de chamados que, via de regra, são emergenciais.

Para Poncioni (2003), a atividade policial é exercida por um grupo social específico, que compartilha um sentimento de pertencimento e identificação com sua atividade, partilhando ideias, valores e crenças comuns baseados numa concepção do que é ser policial.

Considera-se, ainda, a polícia como uma “profissão” pelos conhecimentos produzidos por este grupo ocupacional sobre o trabalho policial, o conjunto de atividades atribuídas pelo Estado à organização policial para a aplicação da lei e a manutenção da ordem pública, como também os meios utilizados por este grupo ocupacional para validar o trabalho da polícia como “profissão”. (PONCIONI, 2003).

Ao escrevermos sobre o trabalho policial precisamos entender precipuamente o que é polícia e o que faz a polícia, qual é a sua função não só constitucional, mas também social, dentro de uma sociedade que hoje por mais que repugne o trabalho policial e seus agentes, não consegue e não pode viver sem estes.

Segundo determina o artigo 144 da Constituição da República Federativa do Brasil, a segurança é um dever do Estado e direito e responsabilidade de todos os cidadãos, sendo exercida a tarefa de preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio por órgãos públicos elencados no artigo supracitado e entre eles encontra-se as Polícias Militares.

Isto é o que preceitua a Lei Maior ao falar a respeito de polícia e o que é sua função, mas os termos utilizados são muito genéricos e pouco retratam o que realmente é desenvolvido pela polícia como trabalho. Mais adiante a Carta Magna faz uma menção mais específica em relação às Polícias Militares, como se vê no artigo da Constituição Federal:

§ 5º - às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil. (BRASIL, 1988).

Mas esta definição constitucional do que é polícia e de qual é a sua função ainda é muito vaga, não dando a verdadeira conotação do que é esse órgão e da representatividade que possui junto à sociedade e aos Estados por conta de seus relevantes serviços prestados.

Para que se conseguisse chegar a uma definição ou pelo menos ideia do que é a polícia e seu papel social, Monjardet (2003) discorre que reintroduzir essas finalidades próprias, a finalidade da polícia é, portanto, o segundo tempo obrigatório da análise, que depende da conceptualização sociológica.

Os termos “polícia ostensiva” e “preservação da ordem pública” são deveras abstratos e não reproduzem a gama enorme de serviços exercidos pela polícia, pois hoje a polícia executa trabalho muito além do que aqueles que estão constitucionalmente determinados que como sua obrigação. Para que se tenha uma ideia mais concreta e real do que é o órgão Polícia, principalmente a Militar, e de qual é a sua função, necessário se faz ter um estudo mais profundo.

Para tanto alguns autores decidiram estudar e escrever sobre o trabalho policial e a definição de polícia. De acordo com os estudos de Bayley (2002), na visão moderna, a polícia pode ser entendida como uma organização que possui os seguintes atributos: caráter público (com autorização coletiva para

o uso da força legitimada normalmente através do Estado), com especialização (é preparada exclusivamente para desempenhar a função de policiamento e preservação da ordem pública, com monopólio da aplicação da força física) e profissionalização (refere-se à qualificação, indicada pelo recrutamento com padrões específicos, remuneração adequada à carreira, treinamento, supervisão, ou seja, características como especialização funcional dos policiais o uso de tecnologia moderna, neutralidade na aplicação da lei).

A definição dada por Reiner (2004) afirma que a polícia é uma corporação de pessoas especializadas patrulhando os espaços públicos, geralmente usando uniformes, a quem foi dada a responsabilidade básica formal da força legítima para salvaguardar a segurança, controlar o crime, manter a ordem e exercer algumas funções típicas de serviço social. Distingue-se a polícia como a instituição, e o policiamento como um conjunto de processos com funções específicas.

Bayley (2002) buscou investigar a natureza do trabalho policial, com isso descrever o que a polícia faz, vindo a verificar três diferentes indicadores para a caracterização da atividade policial: as atribuições (o que a polícia é designada a fazer), situações (os fatos ou acontecimentos que a polícia lida ou envolve) e resultados (as ações tomadas durante o atendimento das situações ou ocorrências).

O que o referido autor tentou fazer foi o que ainda não se tem aqui em Goiás, pelo menos em dois dos indicadores citados por ele, as atribuições e as situações. Ainda não há uma definição clara e precisa, relatando de maneira específica quais são as atribuições profissionais da Polícia Militar, nem mesmo quais são as situações em que ela deve atuar.

O que se tem é o artigo 144, § 5º da Constituição Federal e artigos no regulamento próprio da Polícia Militar que dizem de forma genérica e ampla quais são as atribuições e situações da instituição em comento. Mas é muito vago, não tendo trazido limites e nem dando ao policial militar parâmetros sobre o que é ou não sua responsabilidade profissional.

2.2 BATALHÃO DE CHOQUE E SEU HISTÓRICO

Ultrapassada, mas não esgotada esta primeira explanação do que viria a ser o trabalho policial e o que é a polícia, esse artigo tem o objetivo de discutir mais detidamente o trabalho policial desempenhado pela tropa do Batalhão de Choque do estado de Goiás, tentando chegar a uma conclusão se hoje o batalhão tem desenvolvido somente suas atividades originárias e atribuições primárias ou se também executa o trabalho policial geral, aquele mencionado acima.

A Polícia Militar de Goiás trabalha com a setorização do policiamento: distribuição do efetivo operacional das unidades em setores urbanos previamente estipulados. (PERUCCHI, et al 2013).

As áreas urbanas são divididas e, para cada uma delas são destinadas viaturas operacionais e efetivo humano devidamente comandado por um oficial. (ALECRIM; MENEZES, 2008, p. 32).

Para apoio ao policiamento setorizado e às atividades especializadas a Polícia Militar de Goiás possui grupamentos, ou seja, batalhões especializados, dentre os quais o Grupamento de Choque. (PERUCCHI, et al 2013).

Criado em 1990, o Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado de Goiás tem como missão estar permanentemente em condição de adestramento, para atuar previamente e/ou repressivamente, isolado ou em conjunto com outras forças legais em áreas onde ocorra ou haja iminência de perturbação da lei e da ordem. São de sua competência específica ações nas operações de controle de distúrbios civis, contra guerrilha urbana e rural. (GOIÁS, 1999, p. 170).

A atividade de contra guerrilha, tanto rural quanto urbana acabou ficando por conta do Batalhão de Operações Especiais, BOPE, após a separação do Batalhão de Choque, ficando exclusivamente a cargo da tropa de Choque atividades de CDC, reintegração de posse, restabelecimento da ordem dentro de presídios e policiamento em eventos esportivos.

Atualmente, essa Organização Militar, sediada na capital do estado, Goiânia, é composta pela Companhia de Choque, pela Companhia de Cães e pelo Serviço Administrativo.

Observando o trabalho policial desenvolvido pela tropa do Batalhão Choque da Polícia Militar de Goiás, e de outros Estados também, percebe-se que esta tropa vem fazendo um excelente trabalho policial, vem prendendo infratores, recapturando presos, apreendendo drogas e armas de fogo, recuperando carros

roubados/furtados e quando preciso também de forma primorosa o serviço afeto à tropa de Choque.

Esse tem sido o problema, essa tropa vem desenvolvendo o serviço de contenção de distúrbio civil, reintegração de posse, contenção de rebeliões em presídios, tudo aquilo que é o seu trabalho principal e exclusivo, para o qual foi criada e existe até hoje, de forma secundária, mas por que disso?

Para tentarmos responder a essa pergunta e entendermos melhor qual é a Polícia Militar que temos hoje em Goiás, faz-se necessário conhecer um pouco de sua história e como foi criada, além disso, como surgiu o hoje denominado Batalhão de Choque.

Segundo dados históricos assim iniciou-se a Polícia Militar de Goiás:

Em 28 de julho de 1858, o então presidente da província de Goyaz, Dr. Januário da Gama Cerqueira, sancionou a Resolução nº 13, criando a Força Policial de Goyaz, com ação limitada à capital da província (Vila Boa), Arraial e Palma, fixando seu efetivo em: 01 (um) Tenente: João Pereira de Abreu, 02 (dois) Alferes³: Aquiles Cardoso de Almeida e Alferes Antônio Xavier Nunes da Silva, 02 (dois) sargentos, 1 (um) Furriel⁴ e 41 (quarenta e uma) praças.

Para sediar a Força Policial foi adquirida pela fazenda Provincial, em junho de 1863, uma área de 724m², destinada à construção do primeiro Quartel da Força Policial de Goyaz, que abrigou o Comando da Corporação de 1863 à 1936, e atualmente é a sede do 6º BPM na Cidade de Goiás.

Com as constantes transformações sociais, o desenvolvimento econômico e principalmente o aumento no número de habitantes de Goiás, nas primeiras décadas do século XX, a Polícia goiana recebeu várias denominações, entre elas a de Força Policial de Goyaz; Companhia de Polícia de Goyaz; Batalhão de Polícia de Goyaz, até chegar a Polícia Militar de Goiás, estabelecida pela Constituição Estadual de 05 de outubro de 1989. A cada denominação que a corporação recebia a estrutura administrativa também sofria modificações. (SSPGO, 2015).

³ **Alferes** é um posto ou graduação militar existente nas forças armadas de alguns países. Normalmente, corresponde a um posto das categorias de oficial subalterno ou de cadete/oficial aluno.

⁴ **Furriel** é um posto ou uma função existente nas forças armadas de vários países. Quando existe como posto, corresponde, normalmente, a uma graduação da categoria de sargento. Quando existe apenas como designação de uma função, refere-se, normalmente, a responsabilidades na área da logística. Inicialmente o furriel era um oficial inferior de cavalaria, responsável pelas forragens dos cavalos.

Em meados da década de 70 a Polícia Militar de Goiás possuía uma Companhia de combate a distúrbios civis chamada CPCHOQUE, que era incorporada ao 1º Batalhão de Polícia Militar. (GOIÁS et al, 1999, p. 168).

Já no final da década de 90 passou a existir o Batalhão de Choque, BPMChoque, que era composto pela ROTAM (1ª CIA), COE (2ª CIA), Canil (3ª CIA), mas não havia uma Companhia de Choque. O Batalhão era composto por estas outras companhias que tinham suas atribuições bem definidas e desempenhadas sendo que a responsabilidade pelo controle de distúrbio era da tropa que compunha a ROTAM. (GOIÁS et al, 1999, p. 168).

Com o desmembramento do Batalhão de Choque em outros batalhões, ROTAM e BOPE, ficando apenas o Canil ainda sob sua batuta como Companhia, o Choque ainda não se encontrou, ou não deixaram se encontrar, como uma polícia especializada que tem atividade pré-definida e serviço a executar bem delimitado, assim como os outros dois batalhões anteriormente mencionados.

Enquanto BOPE e ROTAM criaram e seguem suas doutrinas, fazendo apenas aquilo que lhes compete, o Choque, inicialmente aquele batalhão que deu origem aos outros batalhões, não consegue ter uma identidade própria, executando serviços que são pertinentes à tropa policial convencional e de ROTAM, qual seja, patrulhamento.

O fato é que o Choque não executa apenas as atividades para qual foi criado e existe, dentre elas: contenção de distúrbios civis, reintegração de posse, rebeliões em presídios. Doutrinariamente, ainda não documentado, mas devendo ser, essa tropa deveria estar a cargo apenas dessas atividades que são o cerne das atividades de Choque.

Uma vez concluído o curso operacional na área que abrange as Operações de Choque, esta tropa, assim como as outras já mencionadas, deveria atuar inicialmente, somente naquilo para que fora especializada, ficando em segundo plano e em casos específicos e esporádicos, serviços estranhos à sua natureza, como por exemplo, o patrulhamento.

Um dos produtos do caráter massificado do poder de polícia é o processo de especialização profissional. A especialização é descrita por Bayley (2002) como um termo que faz referência a exclusividade em executar uma

tarefa, e no caso de policiamento esta tarefa se reduz a aplicação da coerção física. A especialização delineada por Bayley se refere à destinação das polícias para o trato específico exclusivo do que hoje é descrito como de sua competência.

Para Castro (2011), por meio deste processo as polícias passam a se dedicar a um número específico de demandas abandonando o trato com uma série de questões que a extrapolam e fogem da rotina de manutenção de ordem interna, tais como, situações meramente administrativas e de cunho judiciário, que noutras épocas foram exercidas concomitantemente pela mesma figura, a qual acumulava tanto poder de polícia, de caráter executivo, quanto o normativo e o judiciário. É através da especialização que as tarefas passam a ser melhor descritas e distinguidas.

Fenômeno que se comunica com a especialização é o processo de profissionalização atributo moderno da polícia e que faz referência direta aos critérios de recrutamento e seleção. O crescimento da profissionalização policial é apontado como decorrente da mudança de polos no policiamento, que se transfere para esfera pública, surgindo por meio da necessidade de se criar instrumentos de controle dentro de um determinado território. (CASTRO, 2011, p. 49).

Contrário a isto, o que pode ser observado no trabalho especializado do Batalhão de Choque no estado de Goiás é a subutilização de sua especificidade, uma vez que esta tropa tem sido empenhada em serviços diversos não correspondentes às atividades para qual foi criada.

De acordo com as atribuições previstas em doutrinas e regulamentos estes profissionais são preparados para atuarem em contenção de distúrbios civis, reintegração de posse, rebeliões em presídios, eventos esportivos em praças públicas e privadas de esportes, ocorrências essas que representam a minoria de suas atuações. Essas ocorrências sim são o campo de atuação daqueles que se especializaram nesta área e estão preparados para tanto.

O deslocamento desta tropa especializada para o atendimento de outros tipos de ocorrências acaba por desgastar o efetivo em atividades para as quais não deveria ser destinado, pelo menos inicialmente, podendo assim fazer

com que no momento de atuar em atividades realmente específicas, este efetivo esteja por vezes comprometido física e psicologicamente.

A discussão parece ser sem fim, pois as alegações maiores parecem ser a necessidade de empregar esta tropa naquilo que é mais necessário no serviço policial militar, patrulhar. Isso com o fito de alcançar e bater metas numerais, que são o que hoje conta para fins de apuração da eficácia do serviço policial.

Não existe preocupação se há ou não um desvio de função, se há um desgaste desnecessário do efetivo e até mesmo se está ocorrendo um erro no que conhecemos por uso seletivo da força, isso porque as tropas especializadas, pelo menos quando pensadas e criadas, deveriam ser empregadas como última *ratio*, atuando em cenários onde o policiamento ordinário já atuou e não conteve ou solucionou o fato.

Outro pensamento que surge, principalmente ou até mesmo somente, do público interno da Polícia Militar, é de que este efetivo muito bem treinado e qualificado não estando nas ruas diuturnamente, como a tropa convencional, sempre às vistas da população, se permanecer aquartelado aguardando seu emprego efetivo em ocorrências para as quais estão prontos, se trata de uma tropa ociosa e mal utilizada.

Mas o pensamento não deveria ser este, pois o fato de não estarem nas ruas desempenhando uma função que não é a sua de origem, não configura ociosidade nem má-utilização, uma vez que a preparação e o descanso para o efetivo embate que pode ocorrer de forma inesperada é de extrema necessidade.

Como uma possível explicação para a atuação da tropa de Choque em uma esfera que por especificidade já não é mais a sua principal pode ser explicada pela história da criação do próprio Batalhão de Choque, onde havia a composição de Companhias que o integravam, dentre elas a ROTAM, que exercia a função de Choque.

Com a saída da ROTAM do Batalhão de Choque, ganhando sua independência, ela criou sua identidade, serviço de patrulhamento por excelência, rompendo com a função de Choque, já o Batalhão de Choque que antes não tinha uma Companhia específica para esta função, passou a desempenhá-la, mas

tendo em seu DNA a função da ROTAM, prevalecendo esta última função em suas atividades cotidianas.

Outra explicação para esta desvirtuação de sua função original, esta mais contemporânea e em decorrência de “necessidades” sociais, é a falta de efetivo vivida pela PMGO e em contrapartida o crescente número de cometimento de crimes em nosso Estado.

Assim sendo, uma solução imediatista e de certa forma paliativa, tomada não só por esse comando, mas geralmente por todos, é o de lançar mão de suas reservas, mesmo não sendo a mais apropriada, é por nas ruas uma quantidade maior de viaturas e policiais militares, para assim dar à sociedade pelo menos uma impressão de segurança.

Mas a que penas essa tropa tem sido usada, sobrecarregada? Fato é que se há a necessidade do emprego desta tropa em serviços convencionais outras medidas, estas recompensadoras, devem ser realizadas para evitar prováveis problemas de saúde e frustração ocasionadas pelo desvio de função e excesso de responsabilidades que foram sendo agregadas a este Batalhão.

3 PROCESSO METODOLÓGICO

Os métodos utilizados para obtenção dos resultados apresentados neste artigo foram: o quantitativo (para tratar, quantificar e analisar as variáveis estatisticamente) e o qualitativo (para validar os dados obtidos).

O método quantitativo, “possibilita mais precisão dos resultados, evitando distorções, análise ou interpretações errôneas, garantindo mais segurança quanto às inferências”. (RICHARDSON 1999, p. 70)

Segundo o mesmo autor (RICHARDSON 1999, p. 79), o método qualitativo “(...) é uma opção de se investigar, justificar ou entender a natureza de um fenômeno social”.

Existe uma equação que é dada por uma calculadora *on line* e esta equação é utilizada para encontrar o erro amostral nas ciências sociais, podendo ele ser de 4 a 6%. A referida fórmula é abaixo representada:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Onde:

N = população (176);

n = amostra calculada (38);

Z = variável normal padronizada associada ao nível de confiança (95%);

p = verdadeira probabilidade do evento (4%);

e = erro amostral (6%).

Assim sendo, para este artigo os valores utilizados foram:

a) o erro amostral de 6%;

b) o nível de confiança de 95%, para uma;

c) população de 176 pessoas.

O percentual máximo utilizado para o cálculo foi de 4%, chegando ao resultado de amostra necessária de 34 pessoas.

Para se chegar a esta variável foi feito o preenchimento dos campos da calculadora *on line* levando em conta cada item:

Erro amostral: é a diferença entre o valor estimado pela pesquisa e o verdadeiro valor. Digamos que em uma situação existem efetivamente 10% de turistas franceses. Se a pesquisa estimar que existem 12% de franceses o erro amostral é de 2% ($12\% - 10\% = 2\%$). Na calculadora você deve indicar qual o erro amostral máximo admitido pela pesquisa. Em geral esse valor é definido pelo próprio pesquisador. Frequentemente o valor definido é 5%.

Nível de confiança: é a probabilidade de que o erro amostral efetivo seja menor do que o erro amostral admitido pela pesquisa. Se você definiu um erro amostral de 5%, o nível de confiança indica a probabilidade de que o erro cometido pela pesquisa não exceda 5%. Utilizando o exemplo anterior, o nível de confiança é a probabilidade de que a pesquisa estime algo entre 5% e 15% de turistas franceses. Dado que na verdade existem 10% de franceses, se a estimativa da pesquisa estiver entre esses 5% e 15%, o erro amostral cometido não será maior que 5%. Frequentemente o nível de confiança utilizado nas pesquisas é de 95%.

População: é o número de elementos existentes no universo da pesquisa. Se a pesquisa é sobre todos os turistas em São Paulo, a população é o número de turistas que visitam a cidade. Se o pesquisador não conhece o número exato de elementos no universo, ele deve ser cauteloso e indicar um número grande o suficiente para que a população efetiva não seja maior. Se o número de elementos do universo está entre 1000 e 1500, o pesquisador deve indicar 1500 para obter uma estimativa segura. Se o universo for muito grande ou não houver nenhuma informação sobre seu tamanho, o campo população na calculadora pode ser deixado em branco.

Percentual máximo: como você está trabalhando com variáveis categóricas, provavelmente você está buscando um resultado que indique qual é o percentual de elementos com uma dada característica. Você quer saber, por exemplo, qual é o percentual de franceses no total de turistas que visitam São Paulo. Se você tiver alguma informação que indique que esse percentual certamente não passa de um determinado valor, isso pode ajudar a reduzir o tamanho da amostra necessária para a pesquisa. Se for seguro afirmar que, por exemplo, o percentual de franceses não é maior que 20%, então insira 20% no campo percentual máximo da calculadora. Você deve incluir o percentual máximo somente quando ele é inferior a 50%.

Percentual mínimo: esse valor tem uma interpretação parecida com a do percentual máximo. Se você tem uma informação que indica que o percentual de turistas norte americanos é certamente superior a 70%, insira 70% no campo percentual mínimo. Você deve incluir o percentual mínimo somente quando ele é superior a 50%. (CALCULADORA ON LINE, 2015).

O universo de pesquisa foi a tropa do Batalhão de Choque da Polícia Militar de Goiás, que conta hoje com 176 Militares, tendo 38 respondido ao questionário. A amostra se mostrou satisfatória, pois pelo cálculo do erro amostral precisaríamos de 34 questionários, contudo ao final obtivemos 38.

Para a coleta dos dados foi elaborado um questionário, com 10 (dez) questões fechadas e 2 (duas) questões abertas, o qual tinha como objetivos

específicos: conhecer o tipo de serviço exercido pelo policial do Batalhão de Choque; identificar qual a frequência de treinamentos específicos às suas atividades; compreender qual a motivação de trabalhar neste batalhão; identificar as habilidades dos policiais de Batalhão de Choque. Antes da aplicação do questionário realizou-se um pré-teste com três policiais militares detentores de Curso de Especialização na área de Choque.

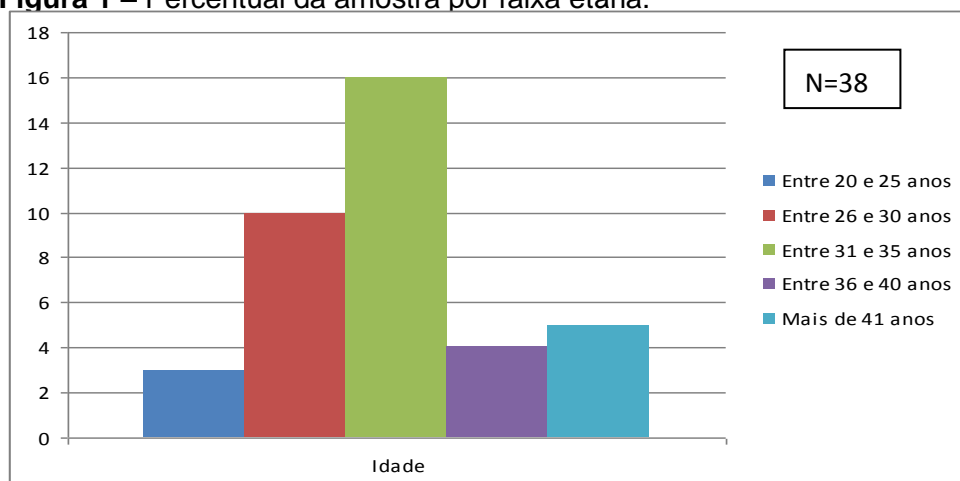
Sendo que as duas questões abertas feitas no questionário, mesmo tendo sido respondidas pelos policiais militares, foram desconsideradas por não trazerem respostas que pudessem ser mensuradas, não dando limites concretos para que se obtivesse um resultado razoável para expor neste artigo.

A coleta de dados aconteceu na segunda quinzena do mês de março de 2015, sendo, o questionário entregue pessoalmente aos respondentes.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

A Figura 1 apresenta a composição da faixa etária dos 38 policiais do Batalhão de Choque que participaram do estudo: entre 20 e 25 anos (7,89%), entre 26 e 30 anos (26,31%), entre 31 e 35 anos (42,10%), entre 36 e 40 anos (10,52%) e acima de 41 anos (13,15%). Pode-se verificar que a maior concentração do efetivo encontra-se na faixa etária de 31 a 35 anos, a faixa etária entre 26 e 30 anos é a segunda maior concentração, as outras faixas etárias são de menor concentração, entretanto verifica-se existem policiais de diferentes faixas etárias.

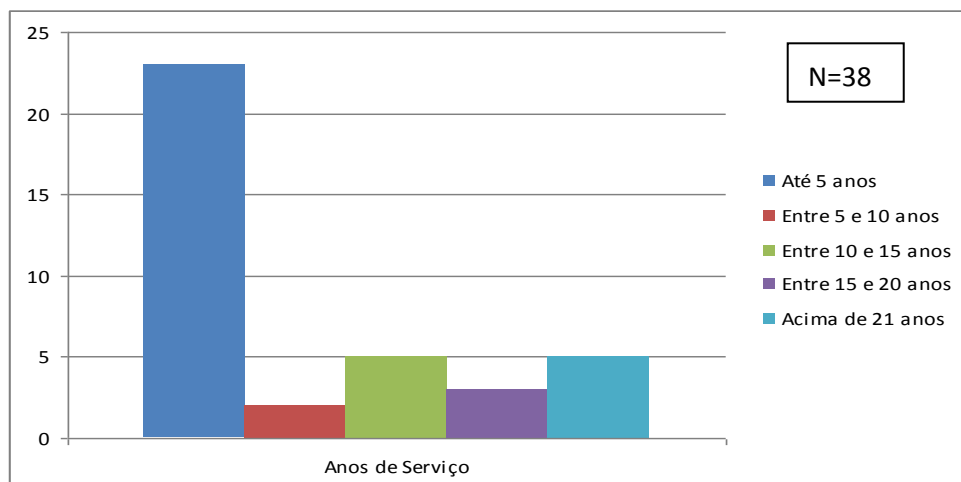
Figura 1 – Percentual da amostra por faixa etária.



Fonte: Elaboração própria, (2015).

Analisando os dados constantes da Figura 2, observa-se que 60,52% tem até 5 anos de serviço, 5, 26% tem entre 5 e 10 anos de serviço, 13, 15% tem entre 10 e 15 anos de serviço, 7,89% entre 15 e 20 anos e 13, 15% acima de 21 anos de serviço na Polícia Militar, verifica-se assim que a maior porcentagem deste grupo possui poucos anos de serviço neste batalhão.

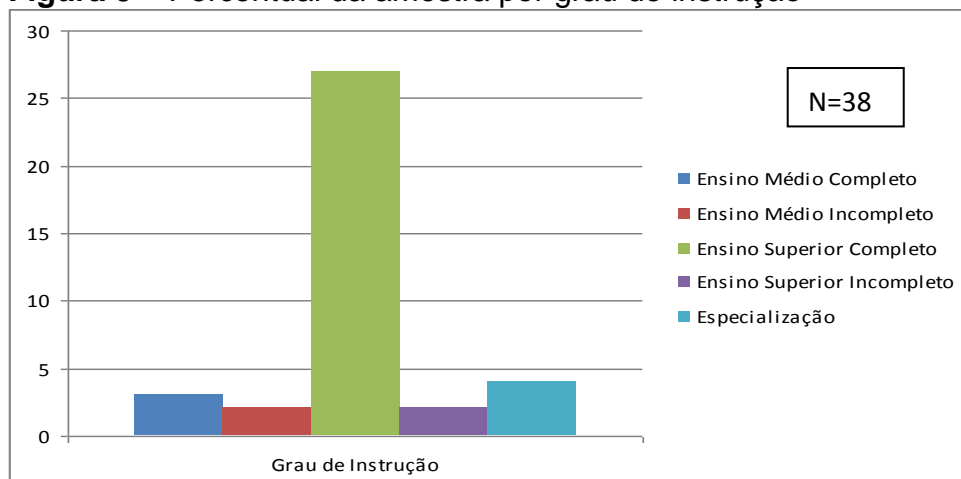
Figura 2 – Percentual do tempo de trabalho na Polícia Militar de Goiás.



Fonte: Elaboração própria, (2015).

A Figura 3 explicita o nível de escolaridade de 38 integrantes do Batalhão de Choque da Polícia Militar do Estado de Goiás: ensino médio completo (7,89%), ensino médio incompleto (5,26%), ensino superior incompleto (71,05%), ensino superior incompleto (5,26%), especialização (10,52%). Estes dados mostram que a maior porcentagem deste batalhão possui ensino superior completo.

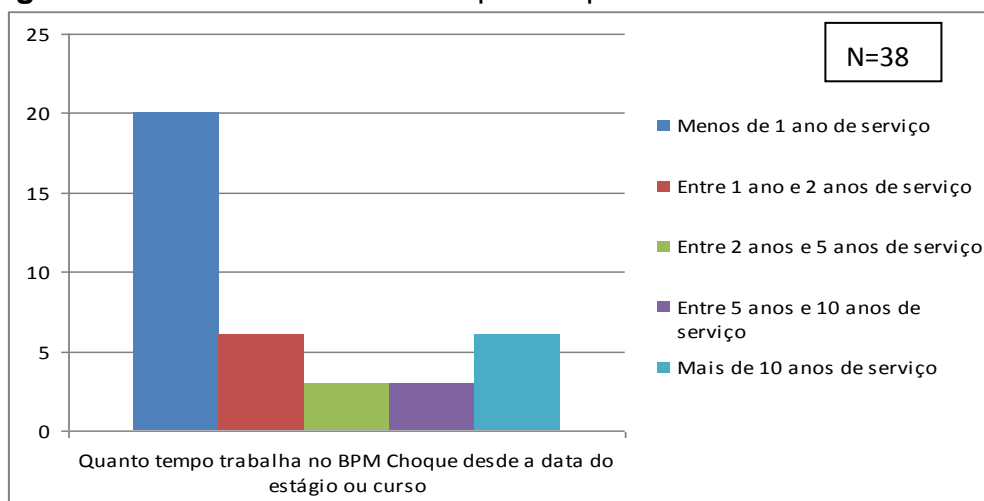
Figura 3 – Percentual da amostra por grau de instrução



Fonte: Elaboração própria, (2015).

A Figura 4 apresenta o tempo de trabalho do policial militar no Batalhão de Choque: há mais de 10 anos (15,78%), há menos de um ano (52,63%), e empatados, os que trabalham entre 2 e 5 anos e entre 5 e 10 anos (7,89%) de serviço, infere-se que a maioria deles tem pouco tempo de serviço neste batalhão.

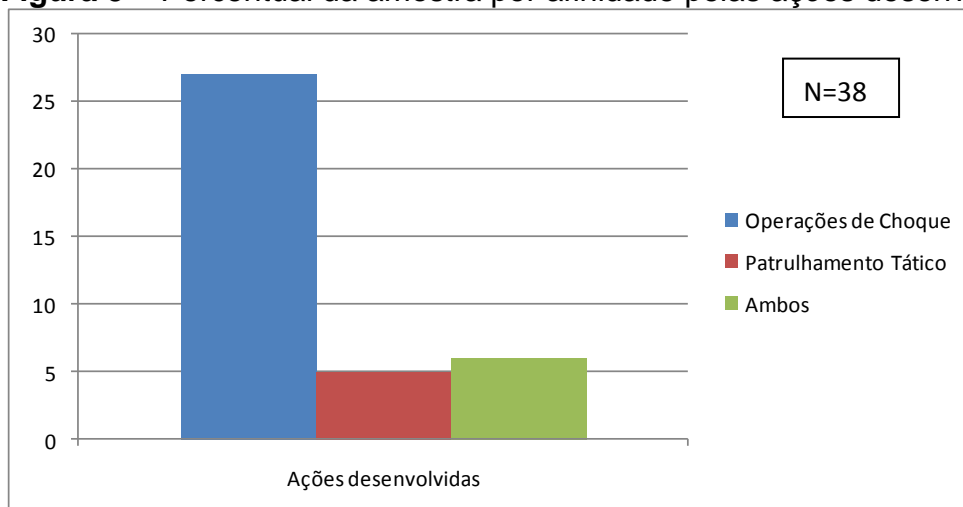
Figura 4 – Percentual da amostra por tempo de trabalho no Batalhão de Choque.



Fonte: Elaboração própria, (2015).

A figura 5 demonstra qual a ação que os policiais mais gostam de desenvolver. As operações de choque correspondem a 71,05% da preferência, 13,15% correspondem a patrulhamento e 15,78% tem afinidade por ambas às atividades, mostrando assim a afinidade com atividades de operações de choque.

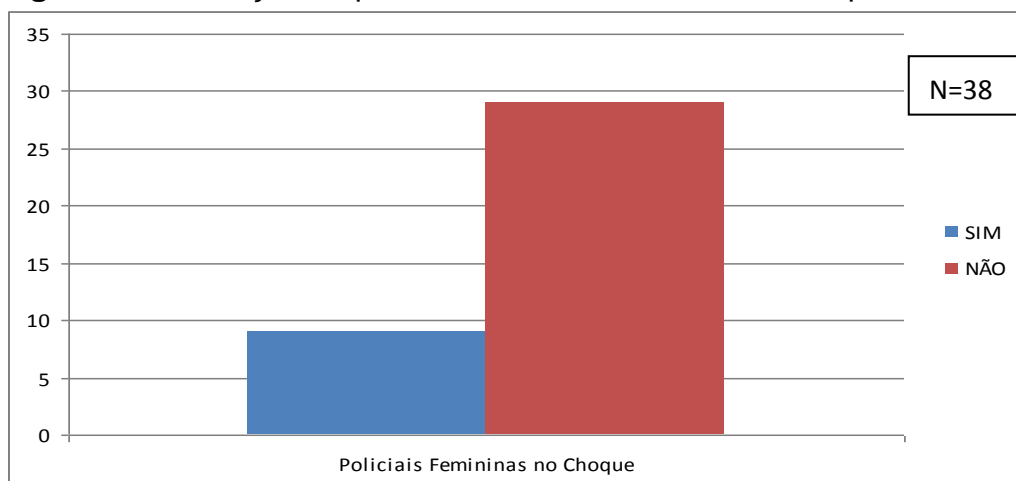
Figura 5 – Percentual da amostra por afinidade pelas ações desenvolvidas.



Fonte: Elaboração própria, (2015).

A figura 6 mostra sobre a opinião da inserção feminina no Batalhão de Choque em atividades operacionais, 76, 31% dos policiais se opõem e 23, 68% são a favor, inferindo-se assim a baixa aceitação da presença feminina.

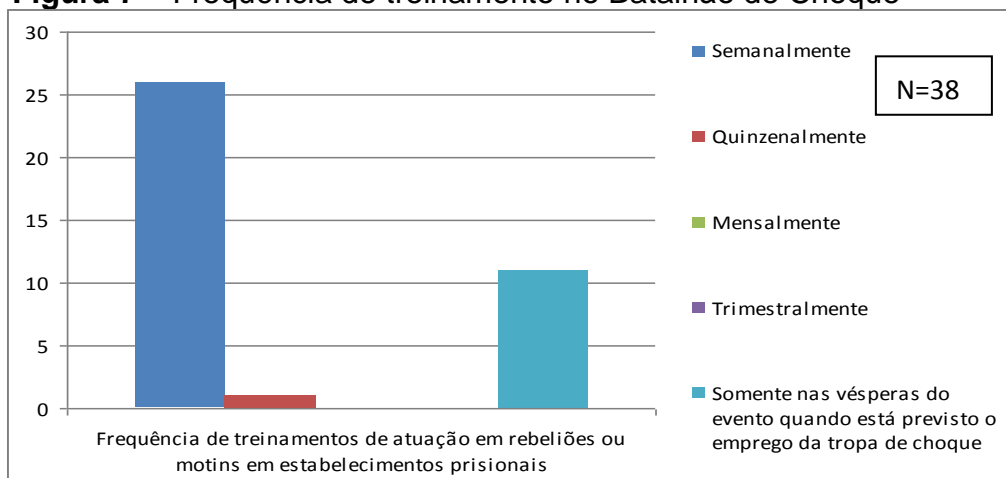
Figura 6 – Aceitação de policiais femininas em atividades operacionais



Fonte: Elaboração própria, (2015).

A figura 7 mostra a porcentagem com que é realizado o treinamento de atuação em rebeliões ou motins em estabelecimentos prisionais. A pesquisa mostra que para 68,42% dos policiais é realizada semanalmente, para 28, 94% é realizado somente às vésperas do evento que está previsto o uso da Tropa de Choque, para 2,64% é realizado quinzenalmente e para 0% é realizado mensalmente como trimestralmente.

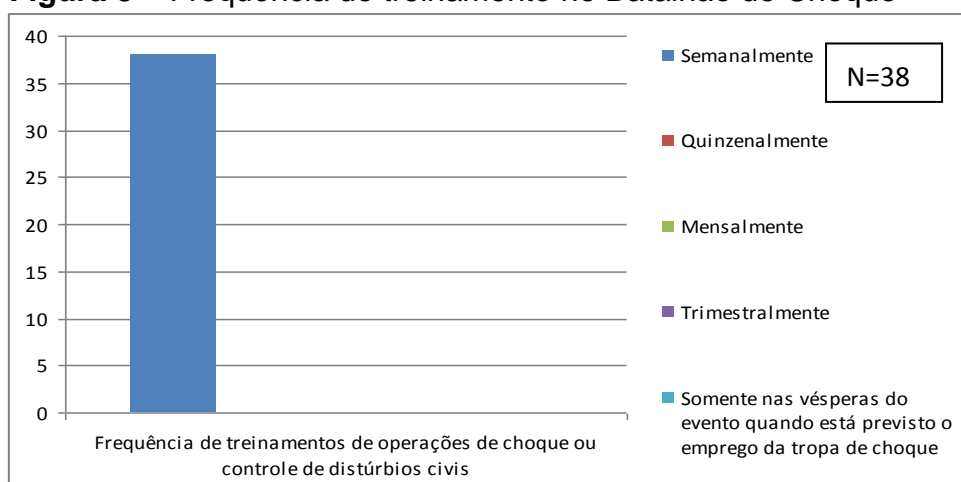
Figura 7 – Frequência de treinamento no Batalhão de Choque



Fonte: Elaboração própria, (2015).

Os dados da figura 8 mostram com que frequência é realizada treinamentos de operações de choque ou controle de distúrbios civis no BPM Choque, sendo que alternativa de que semanalmente se realiza treinamento é de 100%.

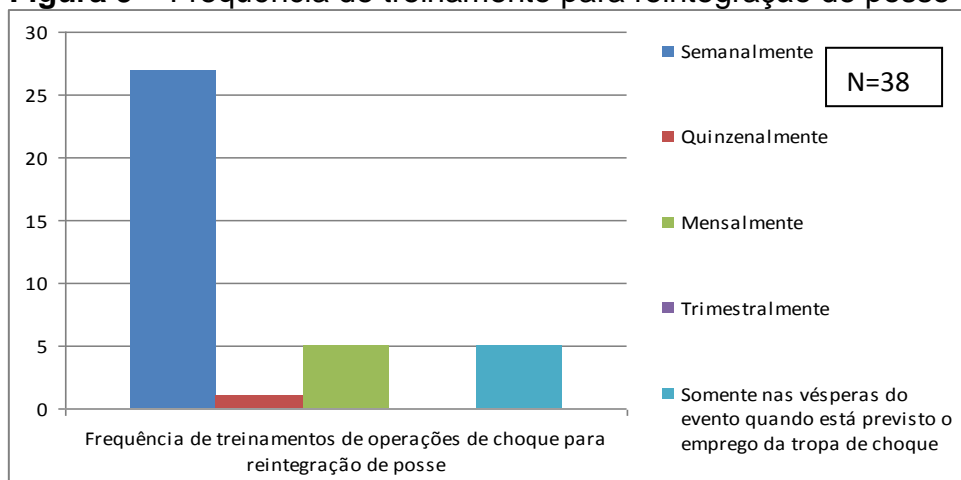
Figura 8 – Frequência de treinamento no Batalhão de Choque



Fonte: Elaboração própria, (2015).

De acordo com dados da figura 9 observamos que a frequência de treinamentos de operações de choque para reintegração de posse para 71, 05% dos policiais acontecem semanalmente, para 13, 15% mensalmente, para 13, 15% acontecem somente às vésperas do evento quando está previsto o emprego da tropa de choque, para 2, 64% acontecem quinzenalmente, 0% trimestralmente.

Figura 9 – Frequência de treinamento para reintegração de posse

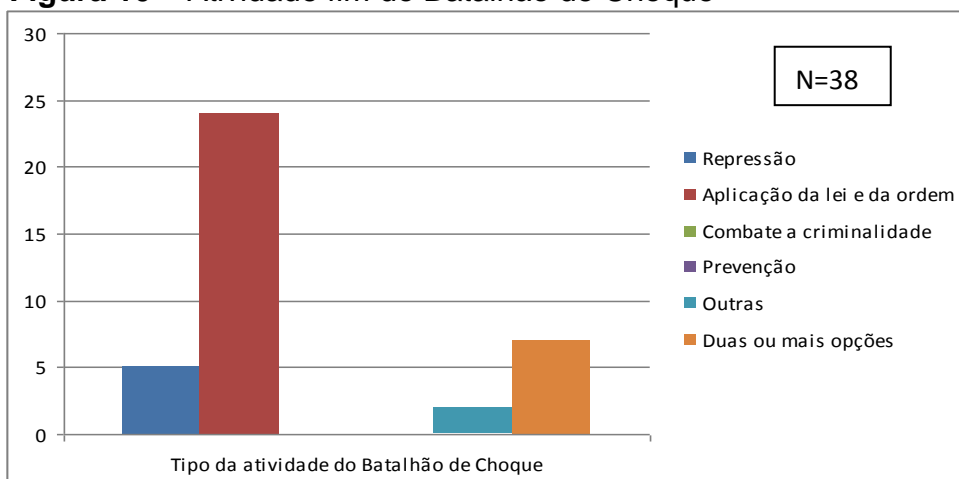


Fonte: Elaboração própria, (2015).

Os dados das figuras 7, 8 e 9 mostram igualmente na maioria das porcentagens são realizados semanalmente treinamentos relacionados a operações de choque, reintegração de posse e em estabelecimentos prisionais em rebeliões ou motins.

Analisando os dados da figura 10, observa-se que 63,15% entendem que a atividade do Batalhão de Choque é de aplicação da lei e da ordem, 13,15% diz que é de repressão, 18,42% marcaram duas ou mais opções, 5,26% outras atividades, 0% de combate á criminalidade, 0% de prevenção, notando assim que a maior porcentagem entende a aplicação da lei e da ordem como a atividade principal deste batalhão.

Figura 10 – Atividade fim do Batalhão de Choque



Fonte: Elaboração própria, (2015).

5 CONCLUSÃO

O que pode ser percebido após esta análise um pouco mais detida sobre o trabalho desempenhado pelos policiais militares do Batalhão de Choque é que hoje este batalhão trabalha como um clínico geral, de forma genérica, atuando em mais áreas do que aquelas para a qual o Batalhão foi criado.

Estudando os dados colhidos no questionário, algumas percepções puderam ser feitas, uma delas e que é o cerne da discussão apresentada neste artigo é desvirtuamento do trabalho desempenhado pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar de Goiás que deveria ser somente ou pelo menos principalmente de Operações de Choque, mas que hoje é o de patrulhamento.

O que pode ser detectado pela pesquisa feita por meio do questionário é que a atividade de patrulhamento está muito mais arraigada na tropa de Choque do que poderíamos imaginar e vem sendo perpetuada porque mesmo aqueles que buscam a formação em algum curso voltado para as operações de choque, o fazem muitas vezes com o interesse de atuar no patrulhamento.

Mesmo sendo apresentado o trabalho de Choque dissociado do de patrulhamento durante os Cursos de Formação (Oficiais, Praças), quando da temporada de cursos de especialização o de Choque é buscado por muitos pelo interesse no patrulhamento, os que no curso ingressam e até mesmo depois de formados, o fazem com o intuito de estarem nas ruas patrulhando e atuando assim como outra especializada já opera.

Embora ainda haja o interesse no trabalho desenvolvido pelas tropas de Choque, o que se pode observar é que esta tropa ainda está muito vinculada ao serviço de patrulhamento na prática. Mesmo estando especializada para atuar na área de Operações de Choque, no dia a dia o patrulhamento tem sido o ponto forte daquele Batalhão.

Contraopondo ao que se vê na prática, pela pesquisa realizada e que pode ser considerado o ponto-chave, a questão 5 demonstra pelo percentual que uma maioria relevante, 71,05% da preferência é direcionada às operações de choque, enquanto 13,15% optam pelo patrulhamento tático.

Em conversas informais também pode ser observado, isso inferindo, que em borá seja uma tropa do Batalhão de Choque, as palavras ditas por alguns de seus integrantes demonstra que o serviço de patrulhamento ainda é o que trás maior prazer ao ser desenvolvido e que ao se desempenhar ambos os serviços, patrulhamento e choque, a tropa de sente sobrecarregada e desgastada.

REFERÊNCIAS

ALECRIM, J. N.; MENEZES, I. M. **A composição do efetivo da polícia militar em unidade de polícia ostensiva (UPO) no estado de Goiás**. Goiânia, 2008. 53 f. Monografia (Especialização em Gerenciamento de Segurança Pública). Comando da Academia de Polícia Militar de Goiás, Goiânia, 2008.

BAYLEY, D. H.; **Padrões de policiamento: uma análise comparativa internacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CASTRO, P. A. L. de. **Os convencionais e os especiais: um estudo sobre a construção da identidade dos integrantes do Batalhão de Operações Especiais da PMDF**. 2011. 48 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília /UNB, Brasília. 2011.

FRAGA, C. K. Peculiaridades do trabalho policial militar. **Revista Virtual Textos & Contextos**, ano. 5, nº 6, dez. 2006.

GOIÁS. POLÍCIA MILITAR. **O anhanguera**. Goiânia: Polícia Militar de Goiás, 1999.

MONJARDET, Dominique. **O que faz a polícia: Sociologia da Força Pública**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Série Polícia e Sociedade, n. 10).

PERUCCHI, V.; LOPES, P. R. D.; VILARINHO, T. F. **Estudo sobre a necessidade de informação dos integrantes do batalhão de choque da polícia militar do estado de Goiás**, 2001, Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/14849>>. Acesso em: 15 de abr. 2015.

PONCIONI, Paula. **Tornar-se policial: a construção da identidade profissional do policial no Estado do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2003.

REINER, Robert. **A Política da Polícia**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Revista Polícia e Sociedade, n 11. 2004

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral: calculadora on-line**. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 13 de abr. 2015.

GOIÁS. Secretaria de Segurança Pública. **Saiba mais sobre a história dos 150 anos da Polícia Militar de Goiás**. Goiânia, 2011. Disponível em: <<http://www.ssp.go.gov.br/artigos/saiba-mais-sobre-a-historia-dos-150-anos-da-policia-militar-de-goias.html>>. Acesso em: 7 de abr. 2015.

APÊNDICE

PESQUISA: O TRABALHO POLICIAL DA TROPA DE CHOQUE DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS

As respostas fornecidas neste questionário serão utilizadas para a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso do CFO/PMGO e subsidiar outras pesquisas. O objetivo é fazer uma análise do trabalho do Batalhão de Choque da PMGO. Não é necessário identificar. Agradecemos pela colaboração!

Pesquisador: Cadete PM Halisson Oliveira do Prado.

Orientador: Cap PM Leon Denis da Costa

1. Qual é a sua idade (faixa etária)?

- () Entre 20 e 25 anos.
- () Entre 26 e 30 anos.
- () Entre 31 e 35 anos.
- () Entre 36 e 40 anos.
- () Mais de 41 anos

2. Quantos anos de serviço na Polícia Militar?

- Até 5 anos.
- Entre 5 e 10 anos.
- Entre 10 e 15 anos.
- Entre 15 e 20 anos.
- acima de 21 anos de serviço

3. Qual é o seu maior grau de instrução?

- Ensino Médio
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Superior completo.
- Ensino Superior incompleto.
- Especialização (Ensino superior)

4. Quanto tempo você trabalha no BPMChoque? Desde a data do estágio ou curso:

- menos de 1 ano de serviço;
- Entre 1 ano e 2 anos de serviço;
- Entre 2 anos e 5 anos de serviço;
- Entre 5 anos e 10 anos de serviço;
- Mais de 10 anos de serviço

5. Trabalhar no Batalhão de Choque foi por você gostar mais de quais ações desenvolvidas pelo BPMChoque ?

- Patrulhamento tático
- Operações de Choque;

6. Você acha que as policiais femininas podem trabalhar no Batalhão de Choque em atividades operacionais, patrulhamento e "CDC"?

- Sim.Especificar:_____
- Não.Especificar:_____

7. Com que frequência treinamentos de atuação em rebeliões ou motins em estabelecimentos prisionais são realizados no BPMChoque?

- Semanalmente;
- Quinzenalmente;
- Mensalmente;
- Trimestralmente;
- Somente na véspera do evento quando está previsto o emprego da tropa de choque;

8. Com que frequência treinamentos de operações de choque ou controle de distúrbios civis são realizados no BPMChoque?

- Semanalmente;
- Quinzenalmente;
- Mensalmente;
- Trimestralmente;
- Somente na véspera do evento quando está previsto o emprego da tropa de choque.

9. Com que frequência treinamentos de operações de choque para reintegrações de posse são realizados no BPMChoque?

- Semanalmente;
- Quinzenalmente;
- Mensalmente;
- Trimestralmente;
- Somente na véspera do evento quando está previsto o emprego da tropa de choque;

10. Você diria que a atividade de Choque é mais uma atividade de:

- Repressão;
- Aplicação da lei e da ordem;
- de combate a criminalidade;
- de prevenção;

Outra.Especificar: _____

11. Em sua opinião, o que faz um policial militar ser considerado “bom policial” nas atividades do Batalhão de Choque (características e habilidades necessárias ao policial)?

12. Escreva sobre que atividades ou trabalho que você mais gosta/prefere fazer aqui no BPMChoque. (Ou fique livre para comentar alguma opinião sobre o trabalho desempenhado)
